

A photograph of a mannequin wearing a long, patterned garment, possibly a dress or a long tunic. The garment features a complex geometric pattern in shades of red, white, and black. The pattern consists of interlocking shapes, including diamonds and zig-zags, creating a dense and intricate design. The mannequin is positioned in the center-left of the frame, and the garment is the primary focus of the image.

DOCUMENTAÇÃO DE ACERVOS MUSEOLÓGICOS:

um estudo de caso do acervo de vestuário
do estilista André Lima na seção moda da
Coleção Amazoniana de arte da UFPA

SAMMYA DANIELE PAIXÃO DOS SANTOS

SAMMYA DANIELE PAIXÃO DOS SANTOS

DOCUMENTAÇÃO DE ACERVOS MUSEOLÓGICOS:

**um estudo de caso do acervo de vestuário do estilista André Lima na
seção moda da Coleção Amazoniana de arte da UFPA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal do
Pará como requisito para obtenção do
Grau de Bacharelado em Museologia,
orientado pela Prof.^a Me. Marcela
Guedes Cabral, e co-orientado Prof.^a
Me. Yorrana Priscyla Maia de Souza.

**BELÉM/PARÁ
2017**

SAMMYA DANIELE PAIXÃO DOS SANTOS

DOCUMENTAÇÃO DE ACERVOS MUSEOLÓGICOS:

**um estudo de caso do acervo de vestuário do estilista André Lima na
seção moda da Coleção Amazoniana de arte da UFPA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal do
Pará como requisito para obtenção do
Grau de Bacharelado em Museologia,
orientado pela Prof.^a Me. Marcela
Guedes Cabral, e co-orientado Prof.^a
Me. Yorrana Priscyla Maia de Souza.

Banca Examinadora:

Prof.^a Me. Marcela Cabral
Universidade Federal do Pará - UFPA
Orientadora

Prof.^a Dra. Rosangela Britto
Universidade Federal do Pará
Examinador

Prof.^a Dra. Natália Barros
Instituto Federal do Pará
Examinador

APROVADO EM: ____/____/2017

CONCEITO: _____

*Dedico este trabalho a toda minha
família, em especial aos meus
pais, Mônica e Clorisvaldo.*

AGRADECIMENTOS

Para a realização deste trabalho agradeço, primeiramente, a Deus, pois iluminou todo o meu caminho para que eu pudesse chegar até aqui, me proporcionando forças para superar todos os obstáculos encontrados nessa jornada da graduação.

Agradeço, também, a minha família em especial aos meus pais, Clorisvaldo e Mônica, que me apoiaram para estabelecer bases para minha educação, aos meus avós: Cláudio (in memoriam) e Nazaré, José e Madalena, e minha bisavó Izabel, pois sem eles nada disso seria possível, porque tudo que sou hoje é fruto do amor e dedicação a mim. Aos meus tios e tias em especial a tia Cláudia que me apoiou em todas as minhas viagens e estudo. Ao meu irmão Samuel pela companhia em todas as madrugadas, enquanto eu escrevia esse trabalho.

Agradeço aos meus professores desse longo período de formação pelo incentivo, em especial, às professoras Marcela Cabral e Yorrana Maia, pela paciência, inspiração e orientação que contribuíram para o processo de construção desse trabalho.

Agradeço também aos meus colegas de turma, em especial a minha amiga Anna Nery, Sandra Rosa, Paula Duarte, Vivian Moura e Bernardo Baia, pelo apoio e corporativismo acadêmico durante toda a minha jornada, nesta graduação. Aos meus colegas João Vitor, Daniela Nogueira, Mateus Reis, Márcia Silva, Luely, Jorge Oashi e Susanne Dias, por toda ajuda e incentivo na construção deste trabalho.

Obrigada a todos!

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a partir de um estudo de caso as ações de documentação de acervos museológicos realizadas no acervo de vestuário do estilista André Lima da Seção Moda da Coleção Amazoniana de Arte da UFPA. Com base nessas ações iniciais que foram desenvolvidas no projeto de extensão “Ações de Curadoria de Acervo na Seção Moda da Coleção Amazoniana de Arte” consistiram, primeiramente, em um arrolamento que visa à quantificação e a qualificação das peças e seus materiais, sendo possível a criação de um plano de classificação para o acervo de vestuário; bem como identificação dos termos gerais para o controle de vocabulário, haja vista que se trata de um acervo de moda e estes objetos nem sempre são fáceis de identificar. Assim, após a classificação das peças foram criados metadados específicos para este acervo na ficha catalográfica.

Palavra-chave: Documentação de acervos museológicos; André Lima; Coleção Amazoniana de Arte da UFPA

ABSTRACT

The present work has the objective to search through a case study based on the documentation actions of museological collections carried out without the collection of clothing by the stylist André Lima of the Fashion Section of the Amazonian Collection of Art of UFPA. Based on these initial actions that were developed without an extension project " Ações de Curadoria de Acervo na Seção Moda da Coleção Amazoniana de Arte " consisted, first, of a list that aims at quantification and qualification of the pieces and their materials, being possible a creation of a Classification plan for the clothing stock; As well as identifying the general terms for vocabulary control, given that it is a fashionable collection and these objects are not always easy to identify. Thus, after a classification of the pieces were created with specific metadata for this collection in the catalog.

Keyword: Documentation of museum collections; André Lima; Coleção Amazoniana de Arte da UFPA

LISTA DE IMAGEM

Imagem 01: Primeiro desfile do André Lima pela “Coleção Frutos do Mar” em Belém	26
Imagem 02: Peça com elementos zoomórficos e fitomórficos típicos da região amazônica	28
Imagem 03: Saia	29
Imagem 04: Vestido.....	29
Imagem 05: Short.....	29
Imagem 06: Fotografia	30
Imagem 07: Clipping.....	30
Imagem 08: Referência.....	30
Imagem 09: Bolsa.....	31
Imagem 10: Brincos.....	31
Imagem 11: Recorte de tecido.....	31
Imagem 12: Aplicação.....	32
Imagem 13: Aplicação	32
Imagem 14: Chegada do acervo.....	33
Imagem 15: Acervo dentro das caixas.....	34
Imagem 16: Informações da peça na Tag.....	35
Imagem 17: Etiqueta com a numeração provisória.....	36
Imagem 18: Arrolamento.....	37
Imagem 19: registro da peça sem o manequim e com manequim	42

LISTA DE TABELA

Tabela 01: Visão geral do arrolamento.....	36
Tabela 02: Esquema classificatório do acervo de vestuário.....	39
Tabela 03:Esquema de terminologia conforme os critérios estabelecidos pela publicação Termos Básicos para a Catalogação de vestuário do ICOM.....	40

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. CAPÍTULO - DOCUMENTAÇÃO DE ACERVOS MUSEOLÓGICOS	14
1.1. Documentação e Documentação museológica de acervos.....	15
1.2. Musealização	18
1.3. A Roupas como Objeto-documento.....	20
2. CAPÍTULO – A COLEÇÃO AMAZONIANA DE ARTE DA UFPA E A CRIAÇÃO DA SEÇÃO MODA	24
2.1. André Lima.....	25
2.2. Coleção Amazoniana de Arte da UFPA e Seção Moda.....	28
3. CAPÍTULO – AÇÕES DE DOCUMENTAÇÃO DE ACERVOS MUSEOLÓGICOS	33
3.1. Procedimentos da documentação de acervos museológicos.....	34
3.2. Ações de documentação no acervo de vestuário.....	35
3.3. Ficha Catalográfica.....	40
Considerações Finais	52
Referências	51
Anexos	56

INTRODUÇÃO

André Lima é estilista paraense que expressa, em suas criações de moda, diversos elementos culturais existentes no Pará e de paisagens e lugares que o rodeia, levando através de suas peças estas referências a passarelas nacionais. Após o encerramento das atividades do seu atelier em 2014, o estilista doou o seu acervo para quatro instituições; Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), o Museu de Arte do Rio (MAR), a Faculdade Anhembí Morumbi e a Universidade Federal do Pará (UFPA).

O acervo doado para a UFPA é formado por acessórios, acervo documental, amostras de estampas e tecidos, aviamento e vestuário, os quais formam até o momento a Seção Moda da Coleção Amazoniana de Arte, tendo como curador o professor Orlando Maneschy que, juntamente, com a professora Yorrana Maia articulou a vinda deste acervo de São Paulo para Belém. Após a seleção deste acervo para a coleção Amazoniana de Arte, foram iniciadas as ações de musealização, que envolve a documentação museológica, conservação, pesquisa e a comunicação.

Assim, o presente trabalho tem por finalidade analisar por meio de um estudo de caso as ações de documentação de acervos museológicos, realizadas no acervo de vestuário do estilista André Lima da Seção Moda da Coleção Amazoniana de Arte da UFPA, possuindo os seguintes objetivos específicos:

Descrever as ações iniciais de documentação realizadas no acervo de vestuário, visando possuir uma noção das suas necessidades informacionais, permitindo pensar nas criações de campos que possam atender esses dados, com base nas ações realizadas no projeto intitulado “Ações de Curadoria de Acervo na Seção Moda da Coleção Amazoniana de Arte”. O segundo objetivo específico foi analisar os conceitos de documentação de acervos museológicos, que através de uma série de procedimentos técnicos e conceituais, valorizam o objeto, transformando de objeto comum para objeto documento.

E em seguida, analisar o acervo de vestuário como objeto documento e algo representativo de valor cultural e informacional, sendo atribuído um caráter de registro, mesmo o acervo apresentando uma certa contrariedade, pois se

trata de objetos de moda, o qual é marcado pelo consumo e efemeridade. A partir de autores como Paul Otlet¹ que define documento como qualquer suporte de informação, seja natural ou artificial, e Suzanne Briet², que determina o conceito de documento quando o objeto é submetido a uma intencionalidade, passando por uma série de procedimentos que valorizam o mesmo. Esse, por sua vez, é selecionado e transformado em documento.

Assim, pensar em objetos de moda em documento, é necessário que esses sejam selecionados e trabalhados a partir das premissas da documentação de acervos museológicos correspondente para as suas especificidades informacionais, dessa forma, estes objetos são potencializados o seu caráter informacional.

A documentação de acervos museológicos tem por base transformar objetos comuns em registro, suporte de informação e fonte de pesquisa, a partir do conjunto de atividades que buscam a preservação e a difusão do acervo, gerando novas informações. Assim, observamos que através do processo o sistema de documentação é dividido em etapas como: seleção, aquisição, registro, número de identificação, armazenagem, classificação e catalogação (FERREZ, 1991, p. 4).

Deste modo, esses processos agregam aos objetos o status de objeto-documento, sendo atribuído a esses objetos um significado diferente da sua produção inicial. Com isso, observamos que através das ações de documentação de acervos museológicos na tipologia de vestuário da Seção Moda do estilista André Lima, as peças adquiriram um caráter não apenas estético, mas também o *status* de objetos-documento, assumindo um significado representacional e informacional.

A metodologia desenvolvida neste trabalho é fundamentada a partir das seguintes perguntas que norteiam esta pesquisa: quais são os objetos que formam o acervo de vestuário? Como são classificados esses objetos dentro de um acervo tanto diversos como da Seção Moda?

¹ Paul Otlet (1868-1944) fundador da Documentação juntamente com Henri La Fontaine (1854-1943) (MONTEIRO, 2014, p. 21).

² Suzanne Briet (1894-1989) uma das discípulas diretas de Otlet, foi documentalista e uma das suas obras mais importante para a documentação foi *Qu'est-se que la documentation?* Publicada em 1951 (SMIT, 2008, p.12).

A partir disso, foi criado dentro das ações iniciais de documentação de acervos museológicos um arrolamento com o intuito de quantificação e identificar o acervo para a criação dos campos que compõem a ficha catalográfica, para que estas atendam às necessidades informacionais do acervo, principalmente no que diz respeito à sua caracterização e à recuperação de informações.

Com base nos critérios do *Thesaurus para Acervos Museológicos*³ (1987) foi realizada a classificação e a subclassificação do acervo de vestuário, bem como a definição dos termos de identificação dos objetos, por meio da publicação *Termos Básicos para a Catalogação de Vestuário*⁴ (2014) do ICOM. Deste modo, é importante salientar que a definição terminológica é de extrema importância para o controle de vocabulário, evitando ambiguidades durante o registro da informação na ficha catalográfica.

Assim, a partir da reflexão sobre as ações de documentação desenvolvida no acervo de vestuário, foi criado um modelo de ficha catalográfica para o acervo pesquisado, haja vista que a ficha de catalogação é um importante instrumento para a sistematização, organização e recuperação de informações.

Portanto, este trabalho está estruturado em três capítulos: no primeiro capítulo, serão apresentados os conceitos de documentação, como uma disciplina fundada por Paul Otlet e Henri La Fontaine no final do século XX, com base nos textos de Juliana Monteiro (2014) e Joahanna W. Smit (2008). Em seguida, são discutidos os conceitos de documentação de acervos museológicos, os quais são procedimentos incorporados da Documentação, assim, este tópico contou com as autoras Helena Dodd Ferrez (1991) e Maria Inez Cândido (2006). Após a apresentação dos conceitos de documentação de acervos, estes serão contextualizados dentro dos processos de musealização, uma vez que a documentação está inserida dentro das etapas propostas por Desvallés e Meiresse (2013) e Marília Xavier Cury (2005) os quais definem as práticas de musealização, que transfigura objeto do cotidiano em objetos

³ *Thesaurus* é um instrumento de controle da terminologia utilizada para designar os documentos/objetos (CANDIDO, 2006).

⁴ *Vocabulary of Basic terms for Cataloguing Costume*, do ICOM (Conselho Internacional de Museus) com vista a auxiliar a identificação das peças.

documentos com base nas ações que envolvem a documentação de acervos museológicos, a conservação, a pesquisa e a comunicação.

No segundo capítulo, serão apresentados o estilista André Lima e a Coleção Amazoniana de Arte da UFPA, mais especificamente o acervo da Seção Moda. Por fim, no terceiro capítulo, serão apresentadas as práticas da documentação de acervos museológicos de acordo com Fernanda Carmago-Moro (1986) e Renata Cardozo Padilha (2014), as quais nortearam as ações iniciais para os procedimentos da criação do modelo da ficha catalográfica para o acervo de vestuário da Seção Moda que teve como base para a sistematização e construção dos campos o modelo de ficha desenvolvido por Maria Inez Cândido (2006).

CAPÍTULO I

DOCUMENTAÇÃO DE ACERVOS MUSEOLÓGICOS



1. CAPÍTULO: DOCUMENTAÇÃO DE ACERVOS MUSEOLÓGICOS

Neste capítulo será abordado o processo de musealização, como um conjunto de ações as quais os objetos são retirados de seu contexto primário e inseridos em um contexto museológico, dentre essas ações envolve a documentação, a qual busca o tratamento das informações produzidas sobre o acervo. Em seguida será analisado o vestuário como objeto-documento, haja vista que a roupa quando trabalhada a partir das ações de documentação de acervos museológicos são potencializadas como objeto portador de informação.

1.1 Documentação e Documentação museológica

Neste capítulo são apresentados os conceitos de Documentação e documentação museológica, para distinção dos termos foi utilizada a proposta de Juliana Monteiro (2014), aplicando a grafia 'Documentação' quando relacionada ao movimento de Paul Otlet e Henri La Fontaine (1934), e 'documentação' em referência às atividades de caráter museológico.

A Documentação é compreendida como uma segmentação da ciência da informação, relacionada a uma ação exercida sobre documentos, bem como nas suas funções e análises (SMIT, 2008, p. 11). A Documentação enquanto disciplina fundada no final do século XIX, por Paul Otlet e Henri La Fontaine, foi estabelecida no início do século XX na Europa, com o intuito de tratar as informações de forma mais detalhada, bem como a sua organização e disseminação (MONTEIRO, 2014, p. 20; SMIT, 2008, p.15). De acordo com Smit (2008) para Paul Otlet, a Documentação é um processo que se ocupa em selecionar, colecionar e tratar as informações referentes aos documentos, buscando desenvolver uma melhor organização e disseminação das informações. Dessa forma, o processo de Documentação envolve métodos específicos destinados às áreas do conhecimento que trabalham com suporte de informação.

A Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia são áreas do conhecimento que promovem a gestão desses suportes da produção intelectual do ser humano, as quais possuem uma abordagem complementar por parte de um todo da Documentação concebida por Paul Otlet e Henri La Fontaine (FONTOURA, 2012, p.91). Entretanto, é importante destacar que

segundo Eloisa Barbuy (2008) não podemos considerar a Museologia como uma Ciência da Informação, haja vista que seus objetivos são distintos.

A Museologia de acordo com Perter Van Mensch (1983) “é definida como um conjunto de teorias e práticas envolvendo um cuidado e uso da herança cultural e natural”. Ou seja, é entendido que a Museologia aborda na sua totalidade o material e o imaterial, sobretudo objetos tridimensionais de caráter cultural e educativo. A partir disso, entendemos que a Museologia e sua relação com a Ciência da Informação deve ser feita em torno das ideias de documento como portador de informação (BARBUY, 2008, p. 33). Portanto, Cerávolo (2012) na Museologia, a parte que se dedica à preservação e salvaguarda de bens patrimoniais é a documentação museológica.

A documentação museológica, segundo Padilha (2014) é o registro de toda a informação referente ao acervo museológico, sendo importante salientar que a documentação museológica é dividida em dois aspectos: a documentação das práticas administrativas do museu, que envolve toda a documentação produzida para legitimar as práticas desenvolvidas pela instituição, ou seja, é a parte relacionada à gestão do acervo; e a segunda é a documentação de acervos que envolve a produção de dados e o tratamento da informação extraída de cada objeto.

Assim, sobre o processo de documentação de acervos a definição para Helena Dodd Ferrez é apresentada da seguinte forma:

A documentação de acervos museológicos é o conjunto de informações sobre cada um dos seus itens e, por conseguinte, a representação destes por meio da palavra e da imagem (fotografia). Ao mesmo tempo, é um sistema de recuperação de informação capaz de transformar [...] as coleções dos museus de fontes de informações em fontes de pesquisa científica ou em instrumentos de transmissão de conhecimento (FERREZ, 1991, p.1).

Isto, deve-se a um processo de técnicas que produzem e organizam as informações referentes ao acervo, dessa forma essas informações produzidas possam estar mais acessíveis. Portanto, segundo Ferrez (1991) a documentação de acervos museológicos é um sistema intermediário entre as fontes de informação e o público.

Maria Inez Cândido (2006) destaca que além das informações produzidas referentes aos objetos, por meio dos processos de documentação,

a sua representação através de palavras (documentação textual) e da imagem (documentação iconográfica), é necessária a elaboração de um instrumento que atenda às necessidades informacionais do objeto, enquanto Ferrez enfatiza a produção de informação acerca dos objetos. Portanto, Cândido define:

A documentação de acervos museológicos como um sistema de recuperação de informação capaz de transformar acervos em fonte de pesquisa científica e/ou em agentes de transmissão de conhecimento que exige uma aplicação de conceitos e técnicas próprias, além de algumas convenções visando a padronização de conteúdos e linguagens (CÂNDIDO, 2006, p.34)

O processo de documentação permite a mudança de sentido de objetos comuns em objetos documentos, estabelecendo-lhe um caráter representacional, por meio de processos técnicos que atendam às suas necessidades informacionais. De acordo com Cândido (2006) esses processos iniciam com a entrada do objeto em um contexto museológico (seleção e aquisição), e perpassa pela organização e controle (registro, número de identificação, marcação, classificação, catalogação e indexação), isto considerando a complexidade informativa do objeto, agora como um documento.

A documentação se dedicou a compreender a definição de documento, o qual é seu pressuposto central (MONTEIRO, 2014, p. 33). Dessa forma, a definição de documento para Otlet em sua obra *Traité de Documentation*, publicado em 1934 segundo Smit (2008), qualquer objeto pode ser considerado documento, uma vez que este esteja relacionado à expressão do conhecimento humano, tornando-se fonte de conhecimento e informação. Anos mais tarde, a definição mais funcional de documento foi proposta pela francesa Suzanne Briet em sua obra *Qu'est-ce que la documentation?* (1951), afirmando que “o documento é uma evidência que apoia um fato”, para isso é necessário que haja uma intencionalidade para que o signo ou símbolo concreto possa a ser registrado e preservado. Ou seja, para Briet através da intencionalidade se estabelece um recorte representacional da definição de documento.

No que se refere à documentação desenvolvida no âmbito museológico, para Tânus, Renau e Araujo (2012) a contribuição de Otlet e La Fontaine na definição de documento, foi importante na ampliação do conceito

de documento, para além do suporte físico, comumente compreendido apenas o livro e o papel. Isto, segundo esses autores, permitiu a não restrição da ideia de documento somente em acervo de arquivos e bibliotecas, dando uma perspectiva mais ampla, possibilitando sua utilização em objetos tridimensionais.

A noção de documento para a Museologia segundo Ferrez (1991), é todo e quaisquer objetos produzidos pelo homem e, deste modo, esses objetos são em potencial portadores de informações intrínsecas (análise das suas propriedades físicas, tais como: forma, cor, material, técnica e tamanho) e informações extrínsecas (informações obtidas por outras fontes com o intuito de identificar o contexto do objeto e as suas relações de significado), e essas informações precisam ser identificadas pela documentação museológica. Com isso, o objeto ao ser inserido no âmbito museológico, perde sua função primária e passa por uma ressignificação, inferindo-lhe status de documento, devido a sua capacidade de expressar o conhecimento humano (MONTEIRO, 2014, p.34).

Portanto, qualquer elemento de natureza material imerso em uma realidade de relações sociais com qualquer ser humano, é possível tornar-se objeto-documento, quando este é trabalhado a partir das premissas da documentação de acervos museológicos, a qual é um dos processos dentro da Museologia, que segundo Jesus (2014) é denominado de musealização.

1.2 Musealização

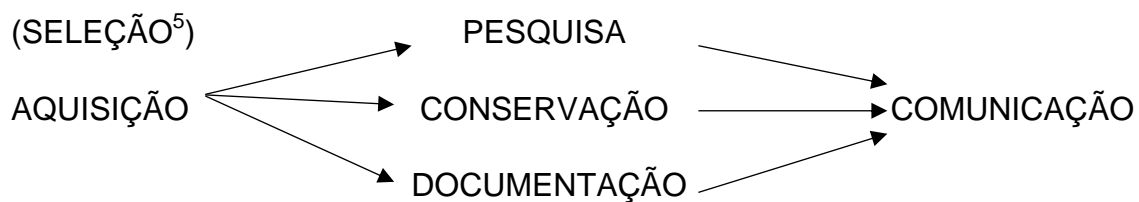
A musealização é um processo em que os objetos são retirados do seu contexto primário, e passam a estabelecer relações nas quais estes objetos são revestidos com novos significados (LOUREIRO e LOUREIRO, 2013, p.1). Essa intenção segundo Mário Chagas (1994) se estabelece como uma construção de um processo seletivo representacional ligado a uma atribuição de valores, estabelecendo assim um recorte de tudo que pode ser musealizado. Portanto, observamos que a musealização pode ser entendida como um olhar seletivo, pois é justamente esse processo de seletividade que dá a determinados objetos a valorização/importância para ser um objeto museológico, caso contrário seria apenas mais um objeto comum.

Esse processo compreende um conjunto de atividades que objetiva a preservação do objeto, bem como as informações referentes a ele. Dessa forma Desvallées e Meiresse apresentam as etapas que constitui o processo de musealização, que são “preservação (seleção, aquisição, gestão, conservação), pesquisa (catalogação) e de comunicação (por meio da exposição, das publicações, etc.)” (DESVALLÉES e MEIRESSE, 2013, p. 58). Deste modo, é a partir desses processos que a musealização atribui aos objetos o *status* de objeto-documento, agregando significados diferentes do seu ciclo inicial que envolve produção, uso e manutenção.

O processo de musealização é um ato de transcendência, apesar desses procedimentos não estarem, necessariamente, sendo realizados em um museu, uma vez que entendemos que a museologia teórica permite uma compreensão da ampliação das práticas de musealização fora da instituição museu. Esse processo permite que esses objetos estejam inseridos em uma dinâmica cultural e de produção de conhecimento, haja vista que a musealização nos oferece novos olhares ou múltiplas possibilidades acerca do material que está sob guarda de instituições de caráter museológico. Nesse sentido, a musealização envolve ações da Museologia, mais especificamente, denominada por museografia, que é a sua parte aplicada, a qual possibilita uma comunicação entre sujeitos e objetos, a partir do ato que envolve investigação, reflexão e releitura dos acervos museais.

De acordo com Marília Xavier Cury “A musealização, então, se inicia na valorização seletiva, mas continua no conjunto de ações que visa à transformação do objeto em documento e sua comunicação [...] (CURY, 2005, p. 25)”, ou seja, em outras palavras a musealização é um processo que tem como efeito a transformação do objeto em documento.

Para melhor sintetizarmos essa reflexão acerca do processo de musealização, recorreremos ao esquema gráfico proposto por CURY (2005, p.26).



Esse diagrama sintetiza os procedimentos que representam as ações sobre um objeto no decorrer do processo de musealização, dessa forma, Cury (2005) ressalta que cada uma das ações supracitadas possui suas especificidades e processos próprios.

Portanto, podemos concluir que a musealização através das suas ações de preservação e produção de conhecimento é a valorização do objeto que se dá em diferentes momentos do processo, indo desde a seleção e comunicação que completa o processo de musealização por meio de exposição, publicações ações educativas, dentre outras. Logo podemos observar que a musealização não é apenas uma mudança de nomenclatura do objeto comum para objeto documento, mas todo o processo de transformação e ressignificação desse objeto através das ações que garantem a preservação e a extração de informações que serão tratadas e analisadas pela documentação de acervos museológicos.

1.3 A Roupas como Objeto-documento

De maneira sucinta, cabe explicar as terminologias roupa, vestuário e indumentária, pois estas terminologias serão utilizadas no decorrer deste trabalho. De acordo com Newman (2011) roupa consiste em uma peça de vestuário feita de vários pedaços de tecido e fechos; já o vestuário, é um termo utilizado para designar roupas formais – sendo esse um significado que nos remete ao século XIV -, mas que hoje, pode se referir a roupas de modo em geral (NEWMAN, 2011, p. X); e Indumentária, que para muita gente pode ter o mesmo significado de roupa e de vestuário, mas para Patrícia Stefani (2005) é um conjunto de peças de roupas as quais inclui roupas e acessórios. Após essa pequena diferenciação entre roupa, vestuário e indumentária, queremos deixar claro que os termos que utilizaremos com maior ocorrência no decorrer deste trabalho são roupa e vestuário.

⁵ Grifo nosso

A roupa, na maior parte da sua história serviu para cobrir o corpo e proteger do frio ou calor, no entanto, nem sempre essa proteção foi o principal motivo. De acordo com a ideia de gênese, o uso de roupa deve-se ao pudor, posteriormente, após o estabelecimento da manufatura, a roupa, além da proteção do corpo, passou a ser usada também por motivos de distinção, sofisticação e marcas culturais de civilizações (LAVÉ, 1989, p. 7).

Segundo Perrot, vestir é um ato de significar, uma vez que a roupa pode ser compreendida como marca de diferenciação e distinção de hierarquia, possuindo assim um código de leitura social garantido e perpetuado pela sociedade que a produziu. (PERROT, 1994. *apud*, OLIVEIRA, 2009, p.71). No entanto, podemos observar que a roupa significa muito mais do que aparenta no seu caráter estético, pois esta representa o gosto pessoal, podendo possuir uma identidade cultural e social, principalmente através da sua relação com a moda, na qual o vestuário expressa o seu *status* por meio de marcas e valores representativos do indivíduo em um determinado grupo ou sociedade.

De acordo com Peter Stallybrass (2008) é importante salientar a roupa como um indicador de memória, haja vista que pensar sobre as roupas é pensar sobre memórias, pois o vestuário recebe o corpo e é moldado por ele, sem falar do cheiro e as marcas do tempo e do uso adquiridos durante a sua permanência com o usuário. Por isso relaciona-se a roupa como um dispositivo de memória (STALLYBRASS, 2008, p.30), pois como qualquer objeto, permite despertar lembranças, por meio das marcas constituídas pela vivência do usuário com o objeto. Deste modo, a relação íntima da roupa com o corpo, é possível compreender o seu desempenho aliado à memória, através das suas marcas criadas pelo tempo e vivência.

Sendo assim, segundo Halbwachs (2003) a memória, para além de ser um fenômeno individual, pode ser entendida como um fenômeno coletivo e social. A roupa é de grande relevância enquanto registro histórico para a sociedade que a produziu, pois através da sua relação com a memória, a roupa se vincula à memória individual e coletiva. Com isso Roche destaca que a roupa nos permite perceber as transformações sociais e tecnológicas dos aglomerados urbanos (ROCHE, 2007, p.23. *apud*, OLIVEIRA, 2009, p. 71). Portanto, podemos afirmar que a roupa assume um papel de objeto-documento, pois esta pode ser um importante meio de evidenciar

acontecimentos e experiências, sendo um resquício de memória (FERREIRA, 2015).

Sabe-se que qualquer objeto pode vir a ser um documento, desde que haja uma intencionalidade. Então, podemos pensar o vestuário, que a princípio, é destinado ao consumo, devido a sua relação com a moda, como documento. Quando esses objetos passam pelo processo de musealização, esses são inseridos em um novo contexto, ganhando novos significados, como portadores de informação e testemunhos de uma determinada cultura e sociedade, devendo ser salvaguardados, pesquisados e difundidos.

Deste modo, podemos afirmar que o vestuário é potencializado enquanto objeto-documento quando é trabalhado a partir das premissas da documentação de acervos museológicos, desenvolvida neste trabalho, sendo este, um dos procedimentos que formam o processo de musealização com o intuito de gerar e sistematizar informações referentes aos objetos do acervo. Assim, Benarush (2015) destaca que o vestuário possui uma função representativa quando este é selecionado para integrar uma coleção de museu. Entretanto, podemos ampliar o conceito de musealização para outras instituições de caráter museológico, como é o caso da Reserva Técnica do Curso de Museologia da UFPA. Segundo Benarush (2012) atualmente muito se é produzido e muito se é usado, mas apenas uma parte será selecionada, portanto, não é exagero dizer segundo a autora que a maioria dos têxteis encontrados em coleções particulares e museológicas são o excepcional e o especial que pertenceram à elite, pois as roupas comuns do cotidiano, raramente, sobrevivem a seu usuário. Assim, conforme Benarush o que se leva em conta como objeto representativo do hoje para a moda contemporânea, é a influência que a roupa pode ter, principalmente entre seus próprios criadores, pois esta carrega em si a materialização criativa e a representação imagéticas dos estilistas que movimentam as mudanças da moda.

Assim, vemos cada vez mais acervos de moda em espaços como os museus, devido ao acúmulo sistemático de roupas e acessórios (BENARUSH, 2015, p.29). Esses acervos de moda muitas vezes são provenientes de doações de empresas do ramo da moda e têxtil ou de estilistas, como é o caso do acervo de moda do estilista André Lima, que após o encerramento das atividades do seu atelier em 2014 doou seu acervo para quatro instituições:

Fundação Armando Álvares Penteado, o Museu de Arte do Rio, a Faculdade Anhembi Morumbi e a Universidade Federal do Pará.

CAPÍTULO II

COLEÇÃO AMAZONIANA DE ARTE DA UFPA E ANDRÉ LIMA



2 CAPÍTULO: COLEÇÃO AMAZONIANA DE ARTE DA UFPA E ANDRÉ LIMA

Neste capítulo serão apresentados: o estilista André Lima, doador do acervo que veio formar a Seção Moda da Coleção Amazoniana de Arte da UFPA, sendo esta coleção, fruto de um percurso de trabalhos realizados pela UFPA e por artistas paraenses. E o objeto de estudo desta pesquisa, a qual é direcionada para o acervo de vestuário.

2.1 O estilista André Lima

O estilista André Luís Cardoso Lima nasceu em Belém do Pará no ano de 1970 e, atualmente, reside em São Paulo, onde, após o encerramento das atividades do seu atelier, continua como criador de moda em parceria com outras marcas. André Lima desde criança vivera em uma casa dominada por mulheres fortes, sendo a sua avó costureira e seu pai, comerciante de tecidos no município de Gurupá, localizado no nordeste do Pará. Desde de muito jovem, o estilista acompanhava seu pai nas compras de tecidos nas lojas em Belém, este fato colocou o estilista em contato direto com o mundo feminino das roupas, tecidos e toda a estética que o estilista manifesta em suas peças (LOGULLO, 2008, p.18-19).

Antes de mudar para São Paulo em 1992, André Lima trabalhou como maquiador e figurinista; fez parceria com Anétt Oliveira e Eloisa Leão no salão Skalp e na TV Cultura, nesse mesmo período, começou a fazer vestidos para a sua mãe, vizinhas e para as “bichas”, amigas do estilista (MAIA, 2013, p. 128-129). De acordo com o jornal Diário do Pará em junho de 1992, André Lima realizou o seu primeiro desfile intitulado “Frutos do Mar” (ver imagem 1) no Salão Guajará do Hotel Hilton (atual Hotel Princesa Louçã) localizado na Avenida Presidente Vargas no bairro do Comércio, onde lançou sua coleção moda praia, a qual contou com amostras de biquínis, maiôs e sungas, “modelitos típicos de verão” (DIÁRIO DO PARÁ, 1992).

Imagem 01: Primeiro desfile de André Lima pela Coleção Frutos do Mar em Belém.



Fonte: Acervo fotográfico da Seção Moda - RTM.AL.IV.91

André Lima saiu do Pará e mudou-se para São Paulo com o intuito de expandir sua carreira, lá trabalhou no departamento de figurinos na Rede Manchete como produtor de figurinos, foi diretor de criação da marca Cavaleira e participou do Mercado Mundo Mix⁶. Em 1999 lançou oficialmente a sua marca “André Lima”, no desfile da Coleção de Verão na Semana de Moda⁷ (atualmente Casa de Criadores). Em 2001 André Lima teve seu primeiro desfile no São Paulo Fashion Week – SPFW, com uma coleção que apresentou

⁶ Mercado Mundo Mix é um movimento de vanguarda com características alternativas ligadas à cultura urbana criado por Beto Lago e Jair Mercancini, que busca apresentar novos talentos, ideias e tendências nas áreas das artes, música, moda e design, oferecendo oportunidade aos artistas selecionados para promover, comercializar e viabilizar as suas criações. <http://mercadomundomix.com.br/>

⁷ Semana de Moda, atual Casa de criadores, é um evento criado por André Hidalgo em 1997, com o intuito de promover e lançar novos estilistas brasileiros, seguindo um calendário para as coleções (primavera/verão e outono/inverno). Esse evento acontece duas vezes por ano na cidade de São Paulo. <http://casadecriadores.uol.com.br/sobre-a-casa-de-criadores/>

inspirações ente a mistura do profano e o sagrado do Círio de Nazaré e uma imagem da Diana Vreeland⁸ (COLEÇÃO MODA BRASILEIRA, 2008, p.151-152). O estilista André Lima desfila pela última vez com a sua marca na coleção Verão 2013 no SPFW. Em seguida, o estilista encerra as atividades do seu atelier em São Paulo, possuindo um grande acervo da história da sua marca.

Assim, no acervo doado por André Lima, é possível observar que a vestimenta dentro da coleção do estilista constitui uma importância significativa, uma vez que a tanto a roupa quanto os acessórios são a materialização de todo o processo criativo do mesmo. Assim, André Lima doou as suas produções para FAAP, MAR, Faculdade Anhembi Morumbi e UFPA, como estratégia de preservação da história da sua marca, além disso, um acervo desta proporção é importante registro para a história da moda brasileira.

Deste modo, equiparando-se às produções artísticas já inseridas na coleção Amazoniana de Arte, criada com o intuito de valorizar as práticas culturais, políticas e econômicas da região Amazônica, a partir disso, a Seção Moda busca discutir assuntos sobre moda com seu viés cultural, como uma das formas de linguagem para falar sobre cultura. Portanto, André Lima por ser paraense e trazer também em suas referências criativas, elementos da estética da cultura amazônica, tais como a fauna e a flora (ver imagem 2), justifica-se a incorporação deste acervo na Coleção Amazoniana de Arte da UFPA.

⁸ Diana Vreeland (1903-1989) é uma colunista e editora de grande sucesso no mundo da moda, trabalhou nas maiores publicações editoriais do ramo, Vogue e Harper's Bazaar. https://pt.wikipedia.org/wiki/Diana_Vreeland

Imagens 02: Peça com elementos zoomórficos e fitomórfos típicos da região amazônica



Fonte: Projeto Ações de Curadoria de Acervo na Seção Moda da Coleção Amazoniana de Arte

2.2 Coleção Amazoniana de Arte da UFPA e Seção Moda

A Coleção Amazoniana de Arte é a primeira coleção de arte contemporânea da Amazônia Legal que busca abordar assuntos sobre esta região de maneira reflexiva, haja vista que esta coleção é fruto de um longo trabalho de pesquisas desenvolvidas na UFPA, com projetos de níveis de pós-graduação e graduação além das produções artísticas, as quais discutem aspectos a respeito da região amazônica (MANESCHY, 2013, p. 13).

Atualmente, esta coleção reúne obras de trinta e dois artistas que trazem em suas obras olhares diversos sobre o território amazônico. De acordo com o curador da coleção em questão Orlando Maneschy (2014) esta coleção é formada por fotografias, pinturas, objetos, vídeos, intervenções e instalações, além do acervo de moda recém-adquirido do estilista André Lima.

A maior parte da Coleção Amazoniana está reunida no Museu de Arte da UFPA (MUFPA), e segundo Jussara Derenji, diretora do MUFPA, essa coleção foi adquirida para demonstrar o empenho do museu como um espaço de diálogo entre os pesquisadores e os artistas da região amazônica (MANESCHY, 2013, p. 15). Sendo assim, a Seção Moda da Coleção Amazoniana de Arte, foi criada no ano de 2015 em virtude do recebimento do

acervo do estilista André Lima que veio somar com o acervo da Coleção Amazoniana que está salvaguarda no MUFPA.

Entretanto a Seção Moda, atualmente, é formada apenas pelo acervo do estilista André Lima e está sob a guarda das Reservas Técnicas - Laboratório de Conservação Preventiva de Patrimônio Móvel do curso de Museologia da UFPA, onde são desenvolvidas ações de documentação de acervos museológicos, conservação e pesquisa, por meio do projeto de extensão intitulado “Ações de Curadoria de Acervo na Seção Moda da Coleção Amazoniana de Arte”. Esse projeto visa desenvolver ações de curadoria que envolve ações de documentação museológica, conservação, pesquisa e comunicação, no acervo doado por André Lima.

Este acervo é formado por vestuário bermuda, blusa, calça, camisa, macacão, short, saia, vestido, blazer, bolero, capa, casaco, colete, jaqueta, paletó, suéter, calcinha, cinta-liga, combinação, corpete, sutiã, estola, xale, body e biquíni (ver imagens 03, 04 e 05).

Imagem 03,04 e 05: Saia, Vestido e Short, peças do acervo de vestuário da Seção Moda da Coleção Amazoniana de Arte.



RTM.AL. I.187



RTM.AL. I.09

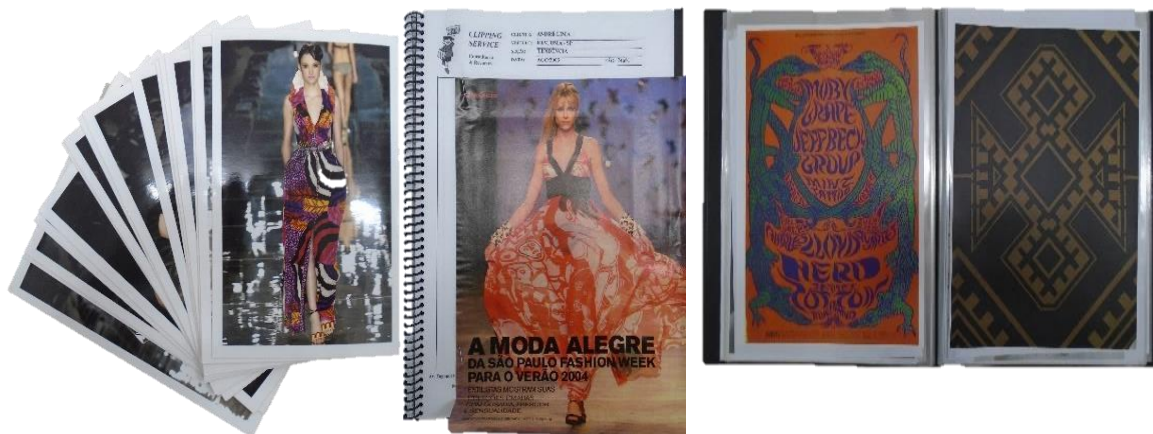


RTM.AL. I.97

Fonte: Projeto Ações de Curadoria de Acervo na Seção Moda da Coleção Amazoniana de Arte

Acervo documental que apresentam os processos criativos de muitas peças, tais como, catálogos de coleções, fotografias, clippings⁹, recortes de jornais, convites e slides, são importantes para identificação do acervo, bem como o seu contexto dentro da produção de André Lima (ver imagem 06, 07 e 08).

Imagem 06, 07 e 08: Peças do acervo de acervo documental.



Fotografia RTM.AL.IV.129

**Clipping
RTM.AL.IV.281**

Referências RTM.AL.IV.

Fonte: Projeto Ações de Curadoria de Acervo na Seção Moda da Coleção Amazoniana de Arte

O acervo formado pelos acessórios inclui adornos de cabeça, brincos, braceletes, colares, bolsas e cintos (ver imagem 8 e 9), os quais são junto com vestuário, a materialização dos processos criativos do estilista André Lima dentro do acervo.

⁹ O clipping (ou clipagem) segundo Isabela Garrido (s/data) “é o acompanhamento e registro de todas as matérias divulgadas em veículos impressos, virtuais e, às vezes, eletrônicos a respeito de uma determinada organização, produto ou pessoa pública”. <http://www.clockworkcomunicacao.com.br/page1.html>

Imagem 09 e 10: Bolsa e brincos, peças do acervo de acessórios.



RTM.AL. III.14



RTM.AL. III.11b / RTM.AL. III.07b

Fonte: Projeto Ações de Curadoria de Acervo na Seção Moda da Coleção Amazoniana de Arte.

O acervo formado por Amostras de estampas e tecidos são recortes de variados tipos de tecidos estampados (ver imagem 10), os quais possivelmente foram testes para avaliação de texturas, estampas e cores.

Imagem 11: Recorte de tecido do acervo de amostra de estampa e tecido



RTM.AL.II.56

Fonte: Projeto Ações de Curadoria de Acervo na Seção Moda da Coleção Amazoniana de Arte

O acervo de aviamento é formado por botões, fuxico, aplicações, laços, fitas, penas boá, tufo, enfeites e strass (ver imagem 11 e 12) os quais serviam para aplicação em roupas, permitindo pensar nos processos da produção dos adornos das roupas de desfile.

Imagem 12 e 13: Aplicações do acervo de aviamentos.



RTM.AL. V.25



RTM.AL. V.16

Fonte: Projeto Ações de Curadoria de Acervo na Seção Moda da Coleção Amazoniana de Arte

CAPÍTULO III

AÇÕES DE DOCUMENTAÇÃO DE ACERVOS MUSEOLÓGICOS



3 CAPÍTULO: AÇÕES DE DOCUMENTAÇÃO DE ACERVOS MUSEOLÓGICOS

Neste capítulo serão abordados os processos metodológicos desse trabalho, seguindo os procedimentos da documentação de acervos museológicos, iniciando pelo arrolamento das peças de vestuário, em seguida a classificação e a definição dos termos gerais para a identificação dos objetos, bem como o desenvolvimento de um controle terminológico. Por fim a criação de um modelo de ficha catalográfica com metadados específicos para atender as necessidades informacionais do acervo de vestuário.

3.1 Documentação de Acervos Museológicos

O processo de documentação de acervos museológicos consiste na “seleção, pesquisa, interpretação, organização, armazenamento, disseminação e a disponibilização da informação” (PADILHA, 2014, p. 35). A partir disso, podemos observar que a documentação de acervos se inicia com a aquisição e pesquisa do objeto, dessa forma, nota-se que desde o processo de seleção o objeto perde e ganha informação, por isso Padilha evidencia a importância do registro que deve se iniciar desde a aquisição do objeto no acervo.

Nesta perspectiva, Camargo-Moro (1986) explica que há uma série de pré-requisitos para a aquisição do acervo, tais como, uma documentação prévia para comprovar a veracidade da origem e procedência das peças, sendo importante para todas as formas de aquisição, tais como, compra, legado, coleta, empréstimo, permuta e doação. Além disso, Camargo-Moro enfatiza que nos procedimentos de aquisição, devem ser sistematizados através da numeração, possibilitando a identificação do objeto e o registro fotográfico de todo momento do processo de aquisição para evitar perda de informações e o acúmulo de peças sem registro (SANTOS, 2000. pg.54).

Após a incorporação do objeto ao acervo, Padilha (2014) ratifica que é imprescindível um arrolamento. Este instrumento documental consiste em uma lista numerada com informações básicas dos objetos e uma numeração e marcação de caráter provisório, dessa forma é recomendada a utilização de etiquetas em papel neutro com a numeração temporária anexada em cada

objeto por um barbante ou fio de algodão cru e sem goma, haja vista que a numeração de registro e a marcação permanente ou semipermanente, devem ser cuidadosamente pensadas antes de serem aplicadas no objeto e no que diz respeito aos materiais utilizados e ao local onde a numeração é grafada. Portanto, percebemos que o arrolamento é fundamental para o conhecimento geral do acervo, pois obtém-se uma noção da quantidade total de peças e uma prévia classificação do acervo.

3.2 Ações de documentação no acervo de vestuário

As ações de documentação de acervos museológicos realizadas na Seção Moda da Coleção Amazoniana de Arte da UFPA, iniciam-se no ano de 2015, quando foi recebido o acervo do estilista André Lima no Laboratório de Conservação/Documentação em Reserva Técnica do curso de Museologia, por meio dos professores Orlando Maneschky e Yorrana Maia que articularam juntamente com as professoras do curso de Museologia da UFPA, Sue Costa e Marcela Cabral, a base de curadoria (documentação, conservação, pesquisa e comunicação) para o tratamento do acervo recém adquirido.

Este acervo deu entrada no laboratório em caixas de papelão sem nenhuma relação de identificação dos objetos, como podemos observar nas imagens abaixo.

Imagem 14: Chegada do acervo



Fonte: Projeto “Ações de Curadoria de Acervo da Seção Moda da Coleção Amazoniana”.

Imagem 15: Acervo dentro das caixas de papelão

Fonte: Projeto “Ações de Curadoria de Acervo da Seção Moda da Coleção Amazoniana”.

Assim, as ações iniciais de documentação realizadas no acervo da Seção Moda compreendem o arrolamento, iniciado no dia 14 de abril de 2015 durante o I Workshop de Conceitos Básicos e Práticos de Curadoria em Reserva Técnica: Seção Moda da Coleção Amazoniana de Arte da UFPA, o qual contou com a participação dos alunos do curso de museologia da UFPA e do curso de Moda da Universidade da Amazônia (UNAMA). A partir disso, o acervo foi dividido em cinco grupos para melhor viabilizar esse procedimento, tais grupos são, vestuário, amostra de estampas e tecidos, acessórios, acervo documental e aviamentos representados respectivamente cada um com uma numeração romana. Com isso, foram arrolados o total de novecentos e cinquenta e dois (952) objetos do acervo em geral

Tabela 01: Visão geral do arrolamento

NÚMERO	GRUPO	QUANTIDADE
I	Vestuário	256
II	Amostra de estampas e tecidos	56
III	Acessórios	239
IV	Acervo documental	284
V	Aviamentos	117

Sabendo que este acervo trabalhado na Seção Moda é bastante diverso, tanto na forma quanto na função, foi desenvolvido um modelo de ficha de arrolamento para a quantificação do acervo. Essa ficha é composta por seis campos: número de ordem, numeração provisória, objeto, estado de conservação, descrição e observação, sendo que no modelo de ficha trabalhado no acervo de vestuário, foi inserido o campo “Título”, o qual foi preenchido somente quando a peça é acompanhada com um *Tag*¹⁰ com as informações do desfile e sua respectiva coleção e o nome intitulado por André Lima, sem essa informação é inserido neste campo um traço indicando que a peça não possui título ou este ainda não foi identificado. Além disso, com a *Tag* é possível identificar também a coleção a qual a roupa desfilou, o tamanho, as cores utilizadas e o tipo de tecido que compõem a peça, como pode ser visto na imagem abaixo.

Imagem 16: informações da peça na Tag



Fonte: Projeto Ações de curadoria de acervo na Seção Moda na Coleção Amazoniana de Arte da UFPA.

A numeração provisória estabelecida para o arrolamento foi utilizada a codificação alfanumérica dividida em quatro partes “RTM.AL. I.01” tais siglas é referente à Reserva Técnica de Museologia, “AL” compreende o acervo do André Lima, “I” número em algarismo romano que corresponde o grupo do

¹⁰ Tags são etiquetas com informações referentes à coleção e ano, título da peça, o nome do estilista e a sua marca (grifo nosso).

acervo de vestuário e o número sequencial dos objetos, como observado na imagem abaixo. Assim, é importante salientar que em caso de desdobramento é acrescentado ao final do número uma letra minúscula.

Imagem 17: Etiqueta com a numeração provisória



Fonte: Projeto Ações de curadoria de acervo na Seção Moda na Coleção Amazoniana de Arte da UFPA.

O primeiro modelo de ficha de arrolamento trabalhado no acervo de vestuário nas ações iniciais de documentação foi criado pelas professoras Marcela Cabral e Sue Costa, com o intuito de quantificar e qualificar este acervo, por isso este primeiro modelo contou com os campos de aquisição e um breve diagnóstico de conservação, dessa maneira, é possível observar que este modelo de ficha (ver anexo 1) é mais complexo em relação ao modelo tradicional de arrolamento, possibilitando uma noção do diagnóstico de conservação de cada uma das peças, permitindo identificar peças contaminadas ou com danos físicos (CABRAL e PAIXÃO, 2016, p. 11).

Entretanto, sabendo que se trata apenas de um arrolamento, o qual consiste em uma listagem apenas com informações básicas dos objetos, para a otimização do tempo e praticidade, foi desenvolvido em formato de tabela no programa Microsoft Word, um novo modelo para o arrolamento do acervo de vestuário, formado por sete campos, número de ordem, numeração provisória, objeto, título, estado de conservação, descrição e observação, assim observamos que nesse modelo de ficha foi adicionado o campo “Título” para atender às necessidades desse acervo. Em seguida ao final da ficha foi

desenvolvido um glossário de preenchimento, o qual segundo Camargo-Moro (1986) é um elemento de instrução convencionado para cada um dos campos da ficha.

Imagem 18: Arrolamento

Nº	Nº ARROLAMENTO	OBJETO	TÍTULO	CONSERVAÇÃO	DESCRIÇÃO	OBSERVAÇÃO
01	RTM.AL.I.01	VESTIDO	-	RUIM	Vestido transpassado, estampa floral com tons de verde, rosa, azul e amarelo. Tamanho: 55 x 143 cm.	Possui mancha e descostura.
02	RTM.AL.I.02A	CAMISA	-	BOM	Camisa com abotoamento encapado e faixa de babados no pescoço como uma echarpe. Feita em organza mista, estampa plumagem nos tons de amarelo, laranja e verde. Sem tamanho especificado, altura 65cm.coleção verão 2013.	
03	RTM.AL.I.02B	SAIA	-	BOM	Saia longuete com recortes em cetim de seda pura com calda de babados, curta na frente e longa atrás em organza mista, estampa de plumagens nas cores amarelo, laranja e cinza, 35cm de cetim na parte da frente e 75cm na parte de trás. Tamanho não especificado, coleção verão 2013.	
04	RTM.AL.I.03A	BLUSA	-	RUIM	O material de seda bordada e o forro é uma seda lisa, 30 botões, cor pérola.	
05	RTM.AL.I.03B	SAIA	-	RUIM	Saia preguiada composta por 4 tecidos, tule bordado e linho com a trama maior, sendo forro de seda e tafetá (forro de acabamento), cor perolado com bordado prateado e dourado.	
06	RTM.AL.I.04A	BLUSA	-	PÉSSIMO	Blusa de cor pérola em renda assimétrica com gola boneca, forro em renda e alças transpassadas nas costas.	
07	RTM.AL.I.04B	SAIA	-	PÉSSIMO	Saia <u>Mullet</u> em renda com babados, cós e forro em seda. Possui colchetes e botões de pressão de metal na lateral esquerda.	
08	RTM.AL.I.5A	SAIA	-	REGULAR	Saia branca reta com pregas 100% algodão e botões de metal.	Costura comprometida.
09	RTM.AL.I.5B	BLUSA	-	REGULAR	Bata branca com pregas, 100% algodão e acessórios de metal.	
10	RTM.AL.I.06	VESTIDO	VESTIDO ANGÉLICA	REGULAR	Vestido "tomara que caia" em recortes de cetim Osaka, com misturas de tecidos, abotoamentos lateral com botões encapados, cor base preta, bege e recortes estampados drapeados. Coleção inverno 2010. Tamanho 38.	O novo botão de cima para baixo está com costura frágil.

Fonte: Projeto Ações de curadoria de acervo na Seção Moda na Coleção Amazoniana de Arte da UFPA.

Número de ordem: registrar numeração de ordem sequencial.

Numeração provisória: registrar numeração sequencial dividida em quatro partes em código alfanumérico.

Objeto: registrar o substantivo comum que identifica o objeto de acordo com os termos definidos pela publicação Termos Básicos para a Catalogação de Vestuário do ICOM (2014).

Descrição: registrar uma descrição da peça de forma clara e objetiva, partindo do geral para o específico.

Título: registrar o título da peça denominado pelo André Lima.

Estado de conservação: registrar o diagnóstico das peças considerando os níveis Bom, Regular, Ruim e Péssimo.

Observação: registrar informações complementares do objeto.

Portanto, esse modelo de ficha de arrolamento permitiu o reconhecimento geral do acervo de vestuário tendo uma visão geral, tanto da quantificação do acervo quanto a avaliação do estado de conservação. A partir disso, foi possível sistematizar as informações referentes ao acervo de vestuário estabelecendo um plano de classificação do mesmo, com o intuito de desenvolver um vocabulário controlado.

Segundo Camargo-Moro (1986) para o preenchimento da ficha catalográfica é necessário a exatidão da informação, por isso desenvolver um vocabulário controlado é extremamente importante para uma padronização de terminologias. Deste modo, através da listagem do acervo, foi possível ter acesso a informações de forma mais prática e rápida. Logo, a classificação das peças foi realizada conforme Thesaurus para acervos museológico, mas para a definição dos termos foi utilizado a publicação “Termos básicos para a catalogação de vestuário” do ICOM (2014), pois o acervo em questão, é formado por objetos de moda, no qual o Thesaurus não foi suficiente para definir todas as terminologias para o preenchimento da ficha catalográfica.

3.3 Ficha Catalográfica

De acordo com Ferrez e Bianchini (1987) a classificação do objeto se constitui em um dos passos metodológicos mais importantes na construção de terminologia referente ao acervo. Assim, a classificação do acervo de vestuário de acordo com Thesaurus, tem a sua Classificação como “Objeto Pessoal” e sua subclassificação “Peça de Indumentária” conforme a tabela abaixo.

Tabela 02: Esquema classificatório para o acervo de vestuário

CLASSE	SUBCLASSE	TERMOS (nome de objetos)
Objeto Pessoal	Peça de Indumentária	Bermuda, blusa, calça, camisa, macacão, short, saia, vestido, blazer, bolero, capa, casaco, colete, jaqueta, paletó, suéter, calcinha, cinta-liga, combinação, corpete, sutiã, estola, xale, body e biquini.

Fonte: FERREZ e BIANCHINI, 1987 e CÂNDIDO, 2008.

A definição dos termos gerais para o acervo de vestuário seguiu o conceito estabelecido na publicação Termos Básicos para a Catalogação de Vestuário do ICOM (2014), para cada termo;

Tabela 03: Esquema de terminologia conforme os critérios estabelecidos pela publicação Termos Básicos para a Catalogação de Vestuário do ICOM.

Termo	Definição
Vestuário Principal	
Bermuda	Peça curta utilizada na parte inferior do corpo, que cobre cada uma das pernas, separadamente. Seu comprimento vai até o joelho ou pouco abaixo.
Biquíni	Traje de banho feminino composto por duas áreas, top, para cobrir o busto, e calcinha, para cobrir partes íntimas.
Blusa	Peça utilizada para cobrir a parte superior do corpo, podendo ter decote ou não. Seu comprimento e caimento são variados.
Body	Peça similar à blusa, com tecido de malha, possuindo alças finas.
Calça	Peça ajustada à cintura, que cobre cada uma das pernas separadamente. Seu comprimento vai até aos tornozelos.
Camisa	Peça utilizada para cobrir a parte superior do corpo, composta por gola e punhos com fechamento, podendo ter mangas curtas ou compridas.
Camiseta	Peça utilizada para cobrir a parte superior do corpo, sem gola e punhos, podendo ter mangas curtas.
Macacão	Calça, bermuda, short ou saia que apresenta uma seção frontal utilizada para cobrir o busto, podendo possuir alça para fixar a peça ao corpo.
Short	Peça curta utilizada na parte inferior do corpo, cobrindo cada perna separadamente até o joelho ou um acima.
Saia	Peça utilizada na parte inferior do corpo, possuindo forma e comprimento variado.
Vestido	Peça de comprimento longo ou curto, constituído de uma peça inteira ou peças integradas.
Vestuário Externo/Proteção	

Blazer	Peça semelhante ao paletó, não contendo forro, bolso e botões de metal.
Bolero	Peça semelhante à jaqueta, comprimento curto e sem fechamento.
Capa	Peça, usualmente, sem manga e geralmente longa, possuindo ou não capuz.
Casaco	Agasalho com mangas compridas, geralmente com abertura na parte frontal. Seu comprimento pode ser longo ou curto.
Colete	Peça curta ajustada ao torso, sem gola e mangas.
Jaqueta	Peça similar ao casaco, curta e não ultrapassa as coxas.
Paletó	Casaco de modelagem reta com mangas compridas. Seu comprimento vai até a cintura.
Suéter	Agasalho de lã fechado, tecido à mão ou máquina, também conhecido como pulôver.
Vestuário Íntimo	
Calcinha	Peça utilizada para cobrir parte íntima.
Cinta-liga	Peça pequena em formato de cinta (faixa) dotada de tiras elásticas com dispositivo para segurar meias finas.
Combinação	Peça íntima feminina composta por um único componente.
Corpete	Peça feminina justa, sem mangas, moldada ao torso.
Sutiã	Peça feminina utilizada para sustentar os seios sob a roupa.
Vestuário Doméstico	
Estola	Espécie de xale comprido e retangular em geral. Tecido de alta qualidade e utilizada em volta dos ombros.
Xale	Tecido quadrangular utilizado sobre os ombros, tronco ou cabeças.

No sistema de documentação de acervos museológicos deve-se evitar a perda de informação referente ao acervo, deste modo Camargo-Moro (1986) salienta que o objeto precisa ser documentado desde a sua aquisição. Portanto, observa-se que desde a entrada do objeto no acervo, são produzidas

informações relacionadas ao objeto, de princípio, documentar a peça de forma completa de acordo com Camargo-Moro que exige um sistema apropriado com base na estrutura técnica do objeto de forma especializada, bem como a adoção de algumas convenções que serve como medidas de controle e manipulação da informação.

Dessa forma, é importante elaborar um instrumento que visa registrar e sistematizar toda e qualquer informação referente ao objeto, bem como a sua classificação, descrição e localização dentro do acervo, buscando a rápida recuperação de informação, (CÂNDIDO, 2006, p.36). Para isso, é constituída uma ficha catalográfica, a qual conforme Camargo-Moro é um instrumento de documentação que sistematiza com maior profundidade as informações intrínsecas e extrínsecas do objeto.

Para a elaboração do modelo de ficha catalográfica para o acervo de vestuário da Seção Moda, o primeiro procedimento consistiu no registro individual do objeto de caráter provisório, entretanto, pois ainda não houve a oficialização da doação do acervo em geral. Sendo assim, a identificação dos objetos de vestuário no acervo permaneceu a numeração alfanumérica “RTM.AL. I.00”.

Em seguida, foi criado um plano de classificação do acervo para vestuário, bem como as definições das terminologias gerais, haja vista que cada peça do acervo de vestuário possui terminologias específicas, mas para este trabalho, os termos definidos foram no seu âmbito geral buscar a organização e o agrupamento do acervo em categorias iguais.

Foram realizados os registros fotográficos de cada um dos objetos destes, os quais contaram com as peças vestidas em um manequim, assim foi possível otimizar a identificação e a definição dos termos gerais e específicos das peças, como podemos observar na imagem abaixo, em que no primeiro momento, a exemplo da peça de número RTM.AL. I. 40, a qual foi definida como “casaco”, no entanto sem a presença do manequim dificulta a leitura da peça.

Imagem 19: registros da peça sem o manequim e com o manequim



Fonte: Projeto Ações de curadoria de acervo na Seção Moda na Coleção Amazoniana de Arte da UFPA.

Deste modo, foi criado um banco de dados com informações intrínsecas dos objetos, contendo a ficha do arrolamento, com informações referentes à numeração, termo, título, avaliação e um breve diagnóstico da conservação das peças, além do seu registro fotográfico, os quais são importantes para o preenchimento do modelo de ficha catalográfica, para testar cada um dos campos.

Portanto, foram definidos os campos integrantes básicos da ficha catalográfica, tais como os campos; de numeração, dos termos, origem, procedência, datação, material, técnica, autoria e imagem. Para os campos integrantes das análises do objeto, foram pensados com o intuito de organizar e sistematizar as informações provenientes de pesquisa sobre cada um dos objetos, favorecendo a otimização e eficiência para a recuperação de informação, assim os campos definidos são referentes ao histórico, publicações e características iconográficas e estilistas, seguido de um campo de referências para o preenchimento da ficha.

Finalmente, esse modelo de ficha busca manipular o maior número de categorias de informações referentes às peças, garantindo assim o maior acesso e uso das informações referentes aos objetos. Deste modo, segue abaixo o modelo de ficha e o seu roteiro de preenchimento.

Universidade Federal do Pará
Reservas Técnicas – Laboratório de Conservação Preventiva de Patrimônio
Móvel



FICHA CATALOGRÁFICA DO ACERVO DE VESTUÁRIO

1 IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO			
1.1 COLEÇÃO:	1.2 Nº DE REGISTRO:	1.3 TERMO:	
1.4 CLASSE:	1.5 SUBCLASSE:	1.6 TÍTULO:	
1.7 AUTORIA:	1.8 DATA:	1.9 DATA DE AQUISIÇÃO:	
1.10 ORIGEM:		1.11 PROCEDÊNCIA:	
1.12 MATERIAL:		1.13 TÉCNICAS:	
1.14 MODO DE AQUISIÇÃO		1.15 DIMENSÕES	
Doação		Altura:	Largura:
		Profundidade:	
1.16 LOCALIZAÇÃO: () RESERVA TÉCNICA () EXPOSIÇÃO () OUTROS			
ESPECÍFIQUE:			

Universidade Federal do Pará
Reservas Técnicas – Laboratório de Conservação Preventiva de Patrimônio
Móvel



1.17 IMAGEM DO OBJETO	1.18 DESCRIÇÃO DO OBJETO
1.19 DADOS FOTOGRÁFICOS:	

Universidade Federal do Pará
Reservas Técnicas – Laboratório de Conservação Preventiva de Patrimônio
Móvel



FOTOGRAFO (A):	DATA:
2 ANÁLISE DE CONSERVAÇÃO	
2.1 CONSERVAÇÃO: () BOM () REGULAR () RUIM () PÉSSIMO	2.2 PERDA DE MATERIAL: () SIM () NÃO
2.3 INTERVENÇÕES: () SIM () NÃO	2.4 RECOMENDAÇÕES:
2.5 DESCRIÇÃO DO DIAGNÓSTICO DE CONSERVAÇÃO:	
3 ANÁLISE HISTÓRICA	
3.1 DADOS HISTÓRICOS:	3.2 PUBLICAÇÕES:

Universidade Federal do Pará
Reservas Técnicas – Laboratório de Conservação Preventiva de Patrimônio
Móvel



3.3 CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS:	3.4 CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS:
3.5 REFERÊNCIAS ARQUIVÍSTICAS E BIBLIOGRÁFICA:	
3.6 OBSERVAÇÕES:	

Roteiro de preenchimento da ficha catalográfica:

1.1 Coleção: inserir por extenso o nome da coleção o qual o objeto faz parte.

1.2 Número de registro: inserir a numeração que corresponde a identificação e o controle do objeto no acervo.

1.3 Termo: inserir o nome comum do objeto definido por meio do esquema classificatório definido pelo Thesaurus e a publicação “Termos básicos para catalogação do vestuário”.

1.4 Classe: inserir a classificação do objeto a partir do esquema classificatório do Thesaurus.

1.5 Subclasse: inserir a uma subdivisão da classificação do objeto.

1.6 Título: inserir à denominação da peça atribuída pelo autor.

1.7 Autoria: inserir o nome do autor responsável pela confecção da peça.

1.8 Data: inserir o período da confecção da peça.

1.9 Data de aquisição: inserir o período referente à data da oficialização da doação.

1.10 Origem: inserir por extenso o nome da cidade onde foi fabricada a peça.

1.11 Procedência: inserir o nome da pessoa, instituição ou empresa que detinha a peça.

1.12 Material: inserir as informações dos materiais que formam a peça.

1.13 Técnica: inserir as informações referentes a maneira ou estilos da forma de confecção da peça.

1.14 Moda de aquisição: inserir a forma pela qual o objeto foi adquirido.

1.15 Dimensões: inserir as informações técnica referente a medição do objeto para identificação da altura, largura e profundidade.

1.16 Localização: inserir a localização em que está o objeto para facilitar a sua recuperação de forma rápida e segura.

1.17 Imagem do objeto: inserir a imagem frontal do objeto.

1.18 Descrição do objeto: inserir de forma clara e sucinta as características estéticas do objeto, partindo do geral para o específico, e evitar adjetivações.

1.19 fotógrafo/data: inserir o nome do profissional e a data da execução do trabalho.

2.1 Conservação: inserir o estado de conservação do objeto de acordo com os níveis descritos abaixo:

Bom: inserir quando o objeto apresenta as suas características físicas totalmente íntegras, não necessitando de intervenções.

Regular: inserir quando o objeto está em processo inicial de degradação, apresentado sujidades ou possíveis manchas corporais.

Ruim: inserir quando o objeto apresenta degradações, mas não de caráter irreversível.

Péssimo: inserir quando o objeto apresenta degradações graves de caráter irreversível, comprometendo a sua leitura.

2.2 Perda de material: inserir quando o objeto apresenta algum destacamento e esta não é encontrada.

2.3 Intervenções: inserir quando o objeto passar por alguma intervenção.

2.4 Recomendações: inserir os procedimentos referentes à conservação e restauração.

2.5 Descrição do diagnóstico de conservação: inserir a descrição de forma clara e objetiva das condições físicas do objeto e suas possíveis deteriorações, partindo do geral para o específico.

3.1 Dados históricos: inserir o conceito do objeto no seu contexto primário, identificando seus possíveis usos e as alterações realizadas ao longo do tempo.

3.2 Publicações: inserir as publicações referentes ao processo histórico e iconográfico do objeto.

3.3 Características iconográficas: inserir as análises iconográficas apresentadas pelo objeto.

3.4 Características estilísticas: inserir o estilo característico do objeto, contextualizado com seu processo histórico.

3.5 Referências arquivísticas e bibliográficas: inserir as citações de livros, artigos e/ou catálogos, utilizados para o preenchimento desta ficha.

3.6 Observações: inserir qualquer informação de natureza complementar sobre o objeto.

Preenchimento/data: inserir o nome do técnico responsável pelo preenchimento da ficha e a data do referido preenchimento.

Revisão/data: inserir o nome do responsável pela revisão do preenchimento da ficha e a data.

Considerações Finais

A documentação de acervos museológicos é uma prática fundamental para a produção, organização e sistematização de informação referentes aos objetos de qualquer coleção museológica. Assim, este trabalho buscou analisar através dos procedimentos da documentação de acervos, desenvolver um estudo de caso a partir das necessidades encontradas no acervo de vestuário do estilista André Lima.

Esses procedimentos consistiram, primeiramente, no arrolamento, que permitiu a identificação dos termos gerais e a quantificação das peças existentes no acervo. Em seguida, foi definida a classificação e a subclassificação dos objetos de vestuário, para o desenvolvimento de uma divisão no acervo da Seção Moda por meio da classificação conforme os critérios do “Thesaurus para acervos museológicos”. Assim, foi criada uma tabela com a classificação e a definição de cada termo identificado no acervo com o intuito de criar um controle de vocabulário para o preenchimento nos metadados da ficha catalográfica. Após essa etapa, foi pensado nos metadados específicos para as necessidades do acervo em questão, por isso, foi criado um roteiro de preenchimento com a definição de cada um dos metadados anexo a ficha catalográfica. Tudo isto, buscou através desses instrumentos documentais, a melhor organização, sistematização e recuperação de informações de cada objeto desse acervo.

Portanto, a documentação de acervos museológicos é um sistema de procedimentos a longo prazo, mas que é fundamental para o gerenciamento das informações, evitando perdas de dados. Com isso, nos leva a crer que para a organização e sistematização de informações intrínsecas e extrínsecas dos objetos museológicos é necessária a elaboração de instrumentos que sejam eficientes para auxiliar no tratamento destas informações.

Por conseguinte, o modelo de ficha catalográfica elaborada, neste trabalho, é um instrumento que busca organizar e sistematizar as informações produzidas no acervo de vestuário, possibilitando otimizar a recuperação das informações dos objetos para, posteriormente, haver a difusão dessas informações no âmbito dos processos comunicacionais, sendo por meio de exposição, publicação ou qualquer setor educativo.

Referências

BARBUY, Eloisa. **Documentação museológica e a pesquisa em museus**. Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST Documentação em Museus /Museu de Astronomia e Ciências Afins Organização de: Marcus Granato, Claudia Penha dos Santos e Maria Lucia N. M. Loureiro. — Rio de Janeiro: MAST, 2008, p. 33-44.

BENARUSH, Michelle Kauffmann. **Moda é patrimônio**. In: 8 Colóquio de Moda, 2012, Rio de Janeiro. En Moda Escola de empreendedores, 2012.

BENARUSH, Michelle Kauffmann. **Termos Básicos para a Catalogação de Vestuário**. Adaptação da obra *Vocabulary of Basic terms for Cataloguing Costume*, do ICOM. Michelle Kaufmann Benarush. 1 Ed. Rio de Janeiro, 2014.

BENARUSH, Michelle Cauffmann. Por uma Museologia do Vestuário: **Patrimônio Memória e Cultura**. In.: Memórias e Museus. Márcia Merlo (Org.) Estação das Letras e Cores. Perdizes- SP. 2015, p.99 – 111.

CABRAL, Marcela Guedes. PAIXÃO, Sammya. **MODA, PATRIMÔNIO E CURADORIA DE ACERVOS MUSEOLÓGICO**: uma perspectiva da seção moda da coleção amazoniana de arte. Moda documenta. Curitiba, 2016.

CERAVOLO, Suely Moraes. **Apontamentos sobre a Documentação de Museus**. In: OBSERATÓRIO DA MUSEOLOGIA BAIANA. Blogue. Postado em: 25 dez. 2012. Disponível em: <<http://observatoriodamuseologiabaiana.blogspot.com.br/>>. Acesso em 29 fev. 2017.

CHAGAS, M. S. **No Museu com a turma do Charlie Brown**. Caderno de museologia Nº 2, 1994.

CÂNDIDO, Inez Maria. **Documentação Museológica**. Caderno de diretrizes museológicas 1. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2006. 2º Edição.

CAMARGO-MORO, Fernanda. **Museu: aquisição-documentação** / Fernanda de Camargo-Moro (prefácio de Paulette Olcina) – Rio de Janeiro: Livraria Eça Editora, 1986.

COLEÇÃO MODA BRASILEIRA. **André Lima**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

CURY, Marília Xavier. **Museu, filho de Orfeu, e musealização**. In: Simpósio Museologia, Filosofia e Identidade na América Latina e Caribe. ICOFOM LAM, Coro, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p.50-55, 1999.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos Chaves de Museologia**. Editores: Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. ICOM, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Key_Concepts_of_Museology/Conceitos-ChavedeMuseologia_pt.pdf>.

DIÁRIO DO PARÁ. _____D-8, 14 de junho de 1992.

FERREIRA, Diego Jorge Lobato. **A moda pelo viés da memória**: das passarelas para o Museu / Moda Documenta: Museu, Memória e Design – 2015.

FERREZ, Helena Dodd. BIANCHINI, Maria Helena S. **Thesaurus para acervos museológico**. Rio de Janeiro: Fundação Pró-Memória, v.2, 1987.

FERREZ, Helena Dodd. **Documentação museológica**: teoria para uma boa prática. Disponível

em:<http://www.nucleodepesquisadosexvotos.org/uploads/4/4/8/9/4489229/ferrez_h_d._docume_ntao_museolgica._teoria_para_uma_boa_prtica.pdf.

HOLZMEISTER, Silvana. **Universo em Ebulição**. Coleção moda brasileira, vol. 06, São Paulo: Cosac Naify, 2008.

HALBWACHS, Maurice, 1877-1945. **A memória coletiva** / Maurice Halbwachs : tradução de Beatriz Sidou. – São Paulo : Centauro, 2003 224p.

JESUS, Priscila Maria de. Uma reflexão sobre o processo de musealização: o patrimônio imaterial nos espaços museais. Caderno de Sociomuseologia. 2014 (Vol. 48).

LAVIER, James. **A roupa e a moda**: uma história concisa. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LOGULLO, Eduardo. **Vale das Bonecas**. Coleção moda brasileira, vol. 06, São Paulo: Cosac Naify, 2008.

LOUREIRO, M. L. N. M. LOUREIRO, J.M.M. **Documento e musealização**: entretecendo conceitos », MIDAS [Online], 2013, [posto online no dia 01 Abril 2013].

MAIA, Yorrana. **Cartografia de si**: territórios particulares e compartilhados do processo de criação do estilista André Lima. (Dissertação de Mestrado) – Unama, Belém, 2013.

MANESCHY, Orlando Franco. **Amazônia, lugar de experiência**. (org.) – Belém: Ed. UFPA, 2013.

MENSCH, Peter van. O objeto de estudo da Museologia / Peter van Mensch: tradução: Débora Bolsanello e Vânia Dolores Estevam de Oliveira. Rio de Janeiro: UNI-RIO, 1994.

MONTEIRO, Juliana. **Documentação em museus e objeto documento**. São Paulo, 2014.

NEWMAN, Alex. **Moda de A a Z**. / Alex Newman; ilustrações Zakee Shanff : tradução Ana Carolina Mesquita. São Paulo, 2011.

OLIVEIRA, Ana Karina Rocha de. **Museologia e Ciência da Informação**: distinções e encontros entre áreas a partir da documentação de um conjunto de peças de “Roupas Brancas”. (Dissertação de Mestrado) – Universidade São Paulo, São Paulo, 2009.

PADILHA, Renata Cardozo. **Documentação Museológica e Gestão de Acervo** / Renata Cardozo Padilha – Florianópolis: FCC, 2014

SANTOS, Fausto Henrique dos. Metodologia aplicada em museus / Fausto Henrique dos Santos ; colaboração Andréa Considera Rabello; apresentação Affonso Romano de Sant’Anna – São Paulo, 2000.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx: roupas, memória, dor** / Peter Stalybrass; tradução de Tomaz Tadeu. - 3. ed. - Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2008.

STEFANI, Patrícia da Silva. **Moda e comunicação**: a indumentária como forma de expressão. (Dissertação de Mestrado). UFJF 2005.

SMIT, Johanna W. **Documentação em museus**: A documentação e suas diversas abordagens. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins – MCT. Vol. 10, p. 11-2

TÂNUS, Gabrielle. RENAU, Leonardo. ARAUJO, Carlos. O conceito de documentação em Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação. São Paulo, v.8, n.2, p. 158-174, jul./dez. 2012.

ANEXOS

Anexo 01: Primeiro modelo de ficha de arrolamento do acervo de vestuário

Ações de Curadoria de Acervo na Seção Moda da Coleção Amazoniana de Arte

Diagnóstico Preliminar da coleção André Lima

Data: / /



Número

Título	Imagens	
Objeto		
Descrição física (tipo de material, suporte, técnica, cor, tamanho)		
Estado de conservação/Identificação preliminar de Danos		Observações
<input type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Ruim <input type="checkbox"/> Péssimo	1. Manchas <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não 1.1. De que cor? - 1.2. Formato - 1.3. Distribuição - 1.4. Associação? -	
	2. Descostura <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não 2.1. Distribuição - 2.2. Associação? -	
	3. Rasgos <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não 3.1. Distribuição - 3.2. Associação? -	
	4. Pragas 4.1. Fungos - <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não 4.2. Traças - <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não 4.3. Larvas - <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não 4.4. Outros.....	
	5. Perdas de materiais <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não Especifique:	

Responsáveis técnicos:

Roteiro de preenchimento

Numeração: inserir numeração provisória

Título: inserir o nome da peça atribuído pelo André Lima

Objeto: inserir o nome comum do objeto.

Descrição: inserir de forma clara e sucinta as características estéticas do objeto, partindo do geral para o específico, e evitar adjetivações.

Estado de conservação: inserir o estado de conservação do objeto de acordo com os níveis Bom, Regular, Ruim e Péssimo.

Manchas: inserir caso tenha a presença da mancha, sua cor, a sua distribuição na peça e se está associada a outro tipo de degradação.

Descostura: inserir caso a peça apresente descostura, bem como a sua distribuição na peça e se está associada a outro tipo de degradação.

Rasgos: inserir caso tenha a presença de rasgos, bem como a sua distribuição na peça e se está associada a outro tipo de degradação.

Pragas: inserir caso tenha a presença de pragas, bem como a identificação dos agentes degradação

Perda de material: inserir caso a peça apresente algum destacamento.

Observação: registrar informações de natureza complementar sobre o objeto.

Anexo 02: Modelo preenchido de ficha de arrolamento do acervo de vestuário


Ações de Curadoria de Acervo na Seção Moda da Coleção Amazoniana de Arte

Diagnóstico Preliminar da coleção André Lima

Data: 18/04/2016



RTM_AL_I_01

Título		-		Imagens	
Objeto		VESTIDO			
Descrição física (tipo de material, suporte, técnica, cor, tamanho)		Vestido transpassado estampa floral com tons de verde, rosa, azul e amarelo. Tamanho: 55 x 143 cm.			
Estado de conservação/Identificação preliminar de Danos		Observações			
(X) Bom	6. Manchas (X) Sim () Não	-			
() Regular	6.1. De que cor? - marrom				
() Ruim	6.2. Formato - retangular				
() Péssimo	6.3. Distribuição - dispersas, 2 %, ponto não crítico- forro.				
	6.4. Associação? - não				
7. Descostura () Sim (x) Não					
7.1. Distribuição -					
7.2. Associação? -					
8. Rasgos () Sim (X) Não					
8.1. Distribuição -					
8.2. Associação? -					
9. Pragas					
9.1. Fungos - () Sim (X) Não					
9.2. Traças - () Sim (X) Não					
9.3. Larvas - () Sim (X) Não					
9.4. Outros.....					
10. Perdas de materiais () Sim (X) Não					
Especifique: -					

Responsáveis técnicos: Sammya Paixão

Anexo 03: Modelo preenchido da ficha catalográfica do acervo de vestuário

FICHA CATALOGRÁFICA DO ACERVO DE VESTUÁRIO

1 IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO		
1.1 COLEÇÃO: Amazoniana de Arte da UFPA	1.2 Nº DE REGISTRO: RTM.AL. I.16	1.3 TERMO: Vestido
1.4 CLASSE: Objeto pessoal	1.5 SUBCLASSE: Peça de indumentária	1.6 TÍTULO: Vestido Berguer
1.7 AUTORIA: André Lima	1.8 DATA: Coleção Verão 2010	1.9 DATA DE AQUISIÇÃO: ---
1.10 ORIGEM: São Paulo	1.11 PROCEDÊNCIA: Atelier de André Lima	
1.12 MATERIAL: Cetim, metal e plástico.	1.13 TÉCNICAS: Detalhes com drapeados	
1.14 MODO DE AQUISIÇÃO	1.15 DIMENSÕES	

Doação	Altura: 77 cm Largura: 39 cm Profundidade: --
1.16 LOCALIZAÇÃO: (x) RESERVA TÉCNICA () EXPOSIÇÃO () OUTROS ESPECIFIQUE:	
1.17 IMAGEM DO OBJETO	1.18 DESCRIÇÃO DO OBJETO
	<p>Vestido tubinho de cetim estampado nas cores geométricas nas cores roxo, lilás, rosa, preto, cinza, vermelho e azul possuindo barbatana embutida. Esta peça apresenta uma faixa com detalhes drapeados do busto a cintura e forro de cetim.</p>
1.19 DADOS FOTOGRÁFICOS	

FOTOGRAFO (A): Sammya Paixão DATA: 27 de outubro de 2016	
2 ANÁLISE DE CONSERVAÇÃO	
2.1 CONSERVAÇÃO: () BOM (x) REGULAR () RUIM () PÉSSIMO	2.2 PERDA DE MATERIAL: () SIM (x) NÃO
2.3 INTERVENÇÕES: () SIM (x) NÃO	2.4 RECOMENDAÇÕES: ---
2.5 DESCRIÇÃO DO DIAGNÓSTICO DE CONSERVAÇÃO: A peça possui manchas amareladas na área das axilas e barra frontal com pequenos pontos de sujidade. Além disso, esta contém um fio desfiado na parte lateral direita na altura da cintura.	
3 ANÁLISE HISTÓRICA	
3.1 DADOS HISTÓRICOS: Peça utilizada no desfile da coleção verão 2010 do São Paulo <i>Fashion Week</i> .	3.2 PUBLICAÇÕES: -----
3.3 CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS:	3.4 CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS:

3.5 REFERÊNCIAS ARQUIVÍSTICAS E BIBLIOGRÁFICA:	
3.6 OBSERVAÇÕES:	

Dados de Preenchimento da ficha

Preenchimento/Data: Sammya Paixão / 27.03.2017

Revisão/Data: